

Os Salões de Arte Contemporânea de Campinas na década de 1980

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Morethy Couto

Orientanda: Carolina Tiemi Odashima

Relatório Final - Iniciação Científica
Instituto de Artes/ Unicamp
Campinas, 2010

Resumo das atividades

Durante o estudo sobre a 12ª e 13ª edições do Salão de Arte Contemporânea de Campinas (SACC) ocorridas na década de 1980 reuni, em forma de documentos, artigos de jornais, catálogos e depoimentos, informações que se referem tanto às duas exposições como ao cenário artístico campineiro que as envolvia. Toda a documentação foi encontrada nos acervos públicos do Centro de Ciências Letras e Artes de Campinas, Centro de Memória da Unicamp, Galeria de Arte da Unicamp, e, principalmente, nos arquivos do Museu de Arte Contemporânea “José Pancetti” (MACC). Realizei entrevistas com os artistas plásticos Marco do Valle (professor dos cursos de Artes Visuais e Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp), Paulo de Tarso Cheida Sans (professor do curso de Artes Visuais na Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUCCAMP e diretor do Museu de Arte Contemporânea Olho Latino) e Hermes Renato Hildebrand (professor da PUC de São Paulo e do Departamento de Mídias da Unicamp).

Em paralelo, empenhei-me na leitura de textos críticos referentes ao cenário artístico brasileiro na época, tentando entender a posição de Campinas e do Salão no certame nacional. Estes textos fazem parte das compilações de Aracy Amaral,¹ Ricardo Basbaum² e Tadeu Chiarelli,³ pois, como explica o autor Ricardo Basbaum na apresentação de seu livro, “a maioria dos escritos se encontra perdida em catálogos, *folders* ou revistas que já há muito saíram de circulação, tornando-os quase impossíveis de serem encontrados”. Tive ainda como base de

¹ AMARAL, Aracy. **Arte e meio artístico: entre a feijoada e o x-burguer**. São Paulo, Nobel, 1982.

² BASBAUM, Ricardo. **Arte Contemporânea Brasileira - texturas, dicções, ficções, estratégias**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

³ CHIARELLI, Tadeu. **Arte internacional brasileira**. São Paulo: Lemos Editorial, 1999.

pesquisa o livro de Cristina Freire⁴ a respeito da inserção da produção conceitual, que surge nas décadas de 60 e 70, muitas vezes efêmera e transitória (como a arte postal, livros de artista, vídeos, etc.) nos acervos permanentes de museus e galerias durante a década de 1980, abordando questões sobre instituições artísticas como a Bienal Internacional de São Paulo. Foi também de grande importância a leitura da dissertação de mestrado da pesquisadora Renata Zago,⁵ que trata das edições do SACC desde sua criação, em 1965, até a sua 11ª edição, em 1977, explorando e discutindo as especificidades de cada uma das edições desse Salão e como seu caráter vai se modificando ao longo delas.

Produção científica

Este trabalho integra um grupo de pesquisa coordenado pela Profa. Dra. Maria de Fátima Morethy Couto e financiado pelo CNPq e pela FAPESP. Seu objetivo central é a discussão sobre o processo de difusão do ideário vanguardista na cidade de Campinas - SP entre os anos 1950 e 1970, sobretudo no campo das artes plásticas, a partir do levantamento e estudo de documentos de época (textos críticos, artigos de jornal, catálogos de exposição, cartas e manifestos), registro fotográfico, análise de obras, além da realização de entrevistas com artistas, críticos e historiadores.

Assim, desde o ano de 2009 o grupo desenvolve um website no qual tem sido divulgada parte do material de pesquisa captado e formulado até o presente momento.

O texto que se segue é composto do trabalho que foi apresentado no relatório parcial, entregue em janeiro de 2010, no qual há uma retrospectiva da história dos SACCs além de uma primeira análise sobre o 12º Salão (1985). Esse texto foi revisado e a ele adicionei algumas informações novas, muitas provenientes dos depoimentos recolhidos ao longo destes meses de estudo. Apresento também, neste relatório final, o texto sobre o 13º SACC (1988), o qual ainda não havia analisado no relatório anterior.

Sobre os Salões de Arte Contemporânea de Campinas: décadas de 1960 e 1970

Os Salões de Arte Contemporânea de Campinas (SACCs), que a princípio, pretendiam mostrar a produção de arte emergente na época e ainda promover discussões sobre como deveria ser organizado um salão de arte, obteve, nos seus primeiros anos, apenas destaque local, mas, aos poucos, se expandiu para tornar-se um evento de relevância nacional, procurado por artistas do país inteiro.

⁴ FREIRE, Cristina. **Poéticas do processo: Arte conceitual no museu**. São Paulo: Iluminuras, 1999.

⁵ ZAGO, Renata, **Os salões de arte contemporânea de Campinas**. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes - Universidade Estadual de Campinas, 2007.

Realizados anualmente no Museu de Arte Contemporânea “José Pancetti” (MACC) de 1965 a 1977, com exceção dos anos de 1973 e 1976, e promovidos pela Secretaria de Educação e Cultura, os SACCs foram inicialmente formulados sob os moldes de um salão tradicional, mas ao longo de suas edições, sofreram modificações em seu caráter e estrutura. A pesquisadora Renata Zago, em sua dissertação de mestrado, divide as exposições em dois momentos: no primeiro deles, de 1965 a 1969, as obras eram inscritas em categorias estéticas tradicionais (pintura, escultura, arte decorativa e artes gráficas - desenho e gravura) e para cada mostra formava-se um júri de seleção e premiação dos artistas, composto, em maioria, por críticos de arte e artistas de renome. Nessas primeiras mostras, havia uma grande quantidade de artistas premiados, sendo muitos desses prêmios concedidos por empresas privadas, o que não mais aconteceu a partir do V SACC, em 1969.

Já no segundo momento, a partir da VII edição, de 1971, o mesmo júri que apenas selecionava e premiava as obras “[começou] a discutir também a estrutura da exposição, o que acarretou, em 1974, 75 e 77, a total responsabilidade destes [os membros do júri] pela organização completa da mostra, desde sua idealização até a distribuição das obras pelo espaço expositivo”.⁶ No caso do VII SACC, a comissão julgadora daquele certame reuniu-se após o processo de seleção de obras para debater a exposição. Surge, portanto, uma grande preocupação por parte de seus organizadores em atualizar a mostra, “assim como acontecia em exposições de mesmo caráter em outros locais do Brasil, como em São Paulo e Rio de Janeiro”.⁷

Assim, em 1974, no IX Salão de Arte Contemporânea de Campinas - Desenho Brasileiro 74 houve a primeira tentativa mais radical de atualização. A comissão julgadora fez aquele certame girar em torno de um tema e dividiu a mostra entre artistas selecionados e artistas convidados, com o intuito de trazer à cidade artistas de renome nacional. Essa mostra foi levada também ao Rio de Janeiro e Brasília.

O X Salão de Arte Contemporânea de Campinas: “Arte no Brasil” - Documento/Debate - 12 artistas, realizado em 1975, foi o ápice da discussão a respeito da atualização do formato da mostra, quando foi eliminada a presença física da obra de arte e uma comissão organizadora selecionou doze artistas que apresentaram a evolução de sua obra através de uma apresentação de slides, promovendo debates com o público, coordenados pelos críticos de arte Aracy Amaral, Frederico Moraes e Aline Figueiredo.

Já no XI Salão de Arte Contemporânea de Campinas - “Política e Processos de Amostragem da Arte”, de 1977, o evento dividiu-se entre duas atividades,

⁶ Idem, p.18

⁷ Ibidem, p.vi

a realização de um Seminário com leitura pública de textos e debates, e um conjunto de propostas de intervenções urbanas em espaços da cidade.

Sobre o 12º Salão de Arte Contemporânea de Campinas

Dando continuidade à seqüência dos Salões e seus debates, a 12ª edição do Salão de Arte Contemporânea de Campinas era prevista para o ano de 1978. Porém, problemas financeiros alegados pela Prefeitura da cidade em decorrência de denúncias de má administração do MACC fizeram com que ele não se realizasse naquele ano. De acordo com a publicação no Estado de São Paulo, “A decisão [de cancelar a promoção do 12º SACC], oficialmente decorrente da falta de recursos suficientes à realização da Mostra, era creditada ontem, no gabinete do prefeito Francisco Amaral, às denúncias de utilização indevida, degradação e comprometimento do acervo do MAC, cuja situação está sendo apurada em regime de urgência. Apenas 70 objetos de arte estão em exposição no edifício do museu, embora o patrimônio registre um total de 255 obras”.⁸

E ao final do artigo diz: “O MAC, que não tem sequer um catálogo permanente de seu acervo, teve sua situação agravada agora com a denúncia de que o patrimônio acumulado ao longo de 13 anos serve apenas de elemento decorativo. Isto sem falar do desaparecimento de determinadas peças, como as nunca relacionadas telas de Manabu Mabe, Mario Cravo e Jô Soares”.⁹

Assim, o projeto do 12º SACC foi abandonado até finais de 1984, quando foi aberto um concurso de cartaz para a mostra com um prêmio de Cr\$500.000, o qual foi vencido pela artista plástica Berenice Toledo, então professora do Instituto de Artes da Unicamp, e que já havia participado de grandes mostras, como as XII, XIII e XIV edições da Bienal Internacional de São Paulo, além da Bienal Nacional de 1974 e o I Salão Paulista de Artes Visuais em 1980. A obra seria utilizada também como capa do catálogo da exposição (**anexo 1**).

No entanto, o Salão foi novamente adiado, sendo postergada sua realização para junho de 1985. Instituiu-se, então, uma comissão organizadora, composta por figuras locais como os artistas plásticos campineiros Raul Porto, presidente da comissão, Paulo Cheida Sans e Bernardo Caro, nomeados conselheiros.

Participantes do Grupo Vanguarda,¹⁰ fundado em 1958, que reuniu artistas e críticos de arte locais a partir do “desejo comum de romper com os parâmetros artísticos vigentes em Campinas”.¹¹ Raul Porto (1936-1999) e Bernardo Caro

⁸ Campinas cancela XII Salão, **O Estado de São Paulo**, 21 jul. 1978. p.11.

⁹ Idem.

¹⁰ O Grupo Vanguarda teve em seu manifesto forte influência do Manifesto Ruptura (1952), dos concretistas de São Paulo (Décio Pignatari, Waldemar Cordeiro, Maurício Nogueira Lima e Hermelindo Fiaminghi), tanto em seu projeto gráfico e visual, quanto em sua linguagem, no tom panfletário exibindo palavras de ordem e renovação. O grupo foi determinante para as criações do Salão de Arte Contemporânea de Campinas e do Museu de Arte Contemporânea “José Pancetti”, ambas em 1965.

¹¹ ZAGO, Renata, **Os salões de arte contemporânea de Campinas**, Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes - Universidade Estadual de Campinas, 2007.

(1931-2007) já eram figuras reconhecidas e atuantes há muito no meio artístico campineiro. Enquanto que Paulo Cheida, que fora aluno de artistas do grupo Vanguarda, como Egas Francisco, Francisco Biojone, na juventude, e com Bernardo Caro durante a graduação na PUCCAMP, mostrava-se comprometido com os debates e polêmicas que rodeavam a organização daquele Salão e do cenário artístico de Campinas.

A respeito da transição de Secretários ocorrida na época de organização do Salão (era Ezequiel Teodoro o Diretor da Secretaria de Cultura até finais de 1984, substituído no ano seguinte por Flávio Alvarenga) e da falta de patrocinadores para a mostra, “Raul Porto contou que perceb[ia] um certo desinteresse da Secretaria de Cultura em promover o Salão de Arte Contemporânea, pois não houve empenho para se conseguir o patrocínio e a Secretaria sabia que sozinha não poderia arcar com as despesas”.¹²

De acordo com Paulo Cheida Sans em entrevista concedida ao Correio Popular, em 3 de abril de 1985, “o fato [era] uma demonstração de incompetência da Secretaria de Cultura, que não desempenha[va] uma atividade cultural condizente com o valor cultural de uma cidade como Campinas”.¹³

No momento em que foi anunciado o terceiro adiamento do 12º Salão, a comissão organizadora, em reunião, decidiu por demitir-se coletivamente como protesto. E no dia 9 de abril o Secretário de Cultura, Antônio Augusto Arantes Neto reuniu-se na Prefeitura da cidade com os artistas da antiga comissão, além de Mário Bueno, Ademar Manarini e Marco do Valle. Ali foi proposta a revitalização do Museu de Arte “José Pancetti” através da criação de um grupo de membros da comunidade artística campineira que auxiliassem na sua direção, “dando assim uma nova dinâmica no Museu, com o objetivo de criar maiores vínculos com a comunidade campineira, e em especial os empresários de Campinas e região”.¹⁴

Enfim, em julho daquele ano, foi confirmado o 12º SACC para o mês de novembro, contando com o apoio financeiro da Prefeitura Municipal, Companhia Paulista de Força e Luz - CPFL, Universidade Estadual de Campinas e empresas privadas.

De acordo com o regulamento do Salão, cada artista deveria, no período de 2 a 30 de setembro, inscrever três obras, em qualquer técnica, incluindo sistemas audiovisuais, vídeo tapes e filmes. E uma comissão julgadora faria a seleção e premiação dos artistas, evidenciado o retorno ao formato de salão competitivo, modelo este que fora abolido no X SACC, como foi exposto no início deste texto, o que dividiu opiniões dentre os artistas campineiros naquele momento. Contudo,

¹² Não sairá mais em junho: Sem verba, Salão de Arte está ameaçado, **Diário do Povo**, Campinas, 3 abr. 1985.

¹³ Artistas plásticos consideram um absurdo: Não há verba. Suspenso o Salão de Arte Contemporânea, **Correio Popular**, Campinas, 2 abr. 1985. Artes e variedades, p.22.

¹⁴ Arte Contemporânea: Salão dependerá de empresas para sair, **Diário do Povo**, Campinas, 10 abr. 1985.

não houve a inscrição ou seleção das obras por categorias (pintura, escultura, instalação, etc.), como costumava ocorrer nos salões tradicionais.

A comissão julgadora de premiação e seleção foi composta pelos críticos de arte Alberto Beuttenmüller, paulista, curador da XIV Bienal Internacional de São Paulo, em 1977, fundador e organizador da I Bienal Latino-Americana, em 1978, e Diretor do Paço das Artes da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, de 83 a 87; Frederico Moraes, do Rio de Janeiro, membro do júri dos IV, VI, VII e X SACCs, diretor de artes plásticas do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ) de 66 a 73, organizador da mostra “Do Corpo à Terra” em 1970, coordenador dos “Domingos de criação no MAM/RJ na década de 1970, e diretor da Escola de Artes Visuais do Parque da Lage de 1987 a 88, e o crítico e artista plástico, Márcio Sampaio, de Belo Horizonte, que já integrara o júri de premiação dos VII e IX SACCs.

Em 8 de outubro daquele ano foram anunciados os nomes premiados no Salão numa coletiva oferecida pelo júri à imprensa, realizada no MACC. Da disputa entre 495 inscritos, 62 artistas foram selecionados, dentre eles 16 premiados, apresentando um conjunto de 186 obras para o Salão (três por artista).

Os prêmios-aquisição dividiam-se entre: Prêmio Prefeitura Municipal de Campinas (Cr\$20 milhões a serem distribuídos), Prêmio Companhia Paulista de Força e Luz - CPFL (Cr\$5 milhões, sendo as obras doadas ao acervo do MACC) e Prêmio Universidade Estadual de Campinas - Unicamp (Cr\$5 milhões para uma obra destinada ao acervo da Galeria de Arte da Unicamp). Segue em anexo a relação de artistas e obras premiadas e os valores de cada prêmio (**anexo 2**).

É importante dizer sobre a relação entre o prêmio-aquisição Universidade Estadual de Campinas - Unicamp e a recém-criada Galeria de Arte da Unicamp, que, naquele momento, constituía seu acervo. A princípio, por influência de Bernardo Caro, artista membro do grupo Vanguarda de Campinas, fundador do Departamento de Artes Plásticas da Unicamp, a galeria recebeu a contribuição de artistas do grupo, que doaram algumas de suas obras.

Diz-se no texto de justificativa da seleção e premiação do 12º SACC, publicado no catálogo da exposição: “Na seleção das obras, o júri considerou os seguintes critérios: contemporaneidade, originalidade e nível técnico (...). Para os prêmios aquisitivos, a comissão indicou as obras que, no seu entender, melhor representam as diversas tendências ou correntes da arte brasileira atual”.¹⁵ E, continuando, sobre algumas das obras premiadas, “de fato, o trabalho de Marco do Valle (**anexos 3 e 4**) (...) corresponde a uma releitura inteligente e criativa da arquitetura brasileira, sua linguagem e vocabulário, enquanto que obras como as de João Magalhães (**anexo 5**), Maina Costales e Ana Botelho (**anexo 6**),

¹⁵ 12º Salão de Arte Contemporânea de Campinas. Campinas: CPFL, 1985. Catálogo de exposição.

são bastante representativas das novas correntes neoexpressionistas, com sua viscelaridade, energia de volumes, dimensões e figuração insólita”.¹⁶

Esse comentário da comissão julgadora demonstra a existência de duas correntes fortes dentre as obras selecionadas, a nova pintura emergente da década de 1980, onde se encaixa grande parte das obras premiadas, como a de João Magalhães, sobre o qual, em artigo de 18 de outubro de 1985, no *Diário do Povo*, é dito: “o neoexpressionismo erótico de João Magalhães, um consagrado artista carioca, choca o espectador com o volume e imagem, pinceladas ágeis e configuração sólida. Segundo o crítico Frederico de Moraes, Magalhães compõe com outros três artistas, o Atelier da Lapa, cuja proposta vanguardista lembra a Casa 7 de São Paulo”.¹⁷ A outra corrente inclui os trabalhos vinculados ao conceitualismo surgido nos anos 60 e 70, como é o caso das obras do próprio Marco do Valle, que, como ele mesmo confirma em depoimento,¹⁸ pertencem aos valores da arte conceitual do final de 1970, quando ele iniciou sua produção artística.

Também entre o conjunto de obras selecionadas, estavam três objetos criados pelo artista campineiro José Luís Piassa (**anexo 7**), colocados no centro do espaço expositivo do museu, três grandes pães, cozidos com farinha de trigo e resina no forno de uma padaria e entregues para a montagem da exposição duas semanas antes da abertura. Batizadas de “Priva-ação” (um pão amarrado a uma bandeira dos Estados Unidos), “Criva-ação” (um pão com pregos cravados) e “Degusta-ação” (um pão “recheado” com a bandeira do Brasil). “Uma linguagem simples, de conotação política. Foi assim que o autor (...) definiu o seu trabalho”.¹⁹

Marcos Rizolli, crítico de arte, professor e artista plástico campineiro, também elogia as assemblages de Zay Pereira, “os recursos materiais empregados propõem um perfeccionismo raramente percebido, até pelas comparações históricas. Dada e Pop”.²⁰ Comenta, ainda, sobre a produção, feita com spray, de Maria Miriam Pereti, “Criando composições abstratas que sugerem sinais orgânicos, Miriam executa uma elaboração técnica tão eficiente que, então, elimina toda a precariedade e limitação que o material, em origem, lhe impõe. Trabalhando com o efeito de máscaras recortadas, recria as formas fazendo constar uma planificação que resulta em ritmos, planos/profundidade e transparências. As pinturas de Miriam, literalmente, respiram”.²¹

A abertura oficial do Salão aconteceu em 9 de novembro de 1985, com a presença do prefeito de Campinas, Magalhães Teixeira, e do reitor da Unicamp,

¹⁶ *Idem*.

¹⁷ As neo-loucuras da arte no 12º Salão de Campinas, *Diário do Povo*, Campinas, 18 out. 1985. Viver.

¹⁸ Depoimento de Marco do Valle concedido à pesquisadora, Campinas, 7 abr. 2010.

¹⁹ Entrega de prêmios num total de Cr\$30 milhões, música e coquetel: Hoje, a abertura do 12º Salão de Arte Contemporânea, *Correio Popular*, 9 nov. 1985. Artes e Variedades, p.10.

²⁰ RIZOLLI, Marcos. Os novos valores, que expõem no 12º Salão, *Correio Popular*, 27 nov. 1985. Exposição.

²¹ *Idem*.

José Aristodemo Pinotti, entre outras figuras locais. Houve apresentações do coral cênico da Unicamp, Algodão N'Oreia, e de um quinteto de sopros, o Grupo de Música Brasileira (**anexo 8**).

De acordo com o artigo publicado no Correio Popular, em 9 de novembro de 1985, “Em mais de mil metros quadrados de área, 185 obras (...) foram distribuídas em oito blocos de uma maneira propositalmente didática: primeiro os óleos, depois telas com pinturas em acrílico e as soltas de molduras, desenhos, gravuras e fotos. Os objetos e instalações ganharam espaço em meio aos trabalhos de técnicas mais tradicionais”.²²

Nos dias 22 e 23 de novembro, houve palestras e seminários com os convidados Fábio Magalhães, museólogo que dirigiu a Pinacoteca do Estado de São Paulo de 1979 a 1982, Sheila Leiner, organizadora da XVIII Bienal Internacional de São Paulo (“A grande tela”), ocorrida naquele ano, e da edição seguinte, em 1987, e Eduardo Rocha Virmont, de Curitiba, crítico de arte e curador de exposições. Além dos críticos participantes do júri do Salão, Alberto Beuttenmüller e Márcio Sampaio.

A seleção e premiação do 12º SACC foram fortemente questionadas por artistas locais. No suplemento publicado no Diário do Povo do dia 18 de outubro de 1985, o autor não esconde ironias a respeito de Marco do Valle, vencedor daquela edição. Intitulando seu texto de “O astro”, escreve: “Artista genioso ou que gosta de fazer o gênero, Marco do Valle não quis se demonstrar grato pelo prêmio de Cr\$9 milhões, aquisitivo, que a Prefeitura lhe destinou por seu conjunto. Preferiu descer farpas à promoção e disse que ninguém entende nada de seu trabalho”.²³

Ainda no mesmo artigo, o relato de Marco: “Eu sempre fui contra a realização deste salão, sempre defendi que a Prefeitura deveria mesmo é gastar dinheiro para compor um acervo e tenho muito para falar sobre isso. O nível está bom, muito bom. Eu não sou consagrado só em Campinas, sou consagrado no Brasil, fui premiado em Belo Horizonte e estou na Bienal [Internacional de São Paulo, daquele mesmo ano]”.²⁴ Ao final, o autor comenta, “Quanto ao papel do crítico de arte, todos foram unânimes, a obra de arte tem que ser criticada por um crítico, não por outro artista. “A função do crítico é a crítica. O júri é um acidente”, diz Beuttenmüller. Porém, “todos sabem que argumentos não adiantam, ao final da escolha, os rejeitados sempre dirão: ‘eles não entenderam nada’”.²⁵

A respeito dessa mesma polêmica causada pela premiação e também sobre a comissão, descrita anteriormente, criada em abril daquele ano durante

²² Entrega de prêmios num total de Cr\$30 milhões, música e coquetel: Hoje, a abertura do 12º Salão de Arte Contemporânea, **Correio Popular**, 9 nov. 1985. Artes e Variedades, p.10.

²³ As neo-loucuras da arte no 12º Salão de Campinas, **Diário do Povo**, Campinas, 18 out. 1985. Viver.

²⁴ Idem.

²⁵ Ibidem.

a reunião entre o Secretário de Cultura e artistas locais, foi encontrada, nos arquivos do MACC, uma carta do artista local Dimas Garcia que denuncia uma ligação anônima, acusando-o de ter escrito o que ele chama de “Manifesto [contra] Marco do Valle”. Dimas, por sua vez, deixa a entender que “o telefonista” e o autor do manifesto seriam o próprio Marco.

A carta é acompanhada por três anexos, uma carta de Dimas, criticando a administração do MACC e a comissão formada em abril, enviada ao Correio Popular, um xérox de um trecho do artigo publicado no Diário do Povo (o mesmo “O astro” citado anteriormente) e outra carta, esta destinada ao artista Marco do Valle, criticando suas atitudes em tom severo e irônico, “Sinceramente Marco..., creio que você deve ir para um grande centro e, lá sim, haverá críticos de arte que o entenderão. Haverá museus à altura de sua sapiência, e que talvez até precisem de você. Nós, os simples e humildes artistas de província, não te merecemos (...). Vá Marco... Vá...”.²⁶

Havia ainda, no arquivo, o xérox de uma carta anônima, a qual acredito que seja o “manifesto [contra] Marco do Valle” referido na carta de Dimas Garcia **(anexo 9)**.

Sobretudo, em meio a esse cenário de constantes discussões e polêmicas, que perdurou por oito anos, entende-se que a 12ª edição do Salão de Arte Contemporânea de Campinas escapa ao percurso traçado pelas mostras antecedentes do Salão, e seus questionamentos e debates em relação à organização e formato dos salões de arte, tendo-se perdido entre a falta de estruturação do Museu de Arte Contemporânea “José Pancetti” naquele momento e de apoio financeiro, sendo necessário o retorno de uma proposta nos formatos de um salão tradicional, para que se viabilizasse sua realização.

Até pelos esforços da comunidade artística campineira em resgatar e salvar a tradição dos SACCs, com todos os problemas decorrentes que circundaram sua realização, percebe-se, nesse período, um forte abalo na instituição dos salões na cidade de Campinas. O 13º Salão não viria no ano seguinte; de acordo com documentos acessados no arquivo do MACC, as negociações para a realização do Salão iniciaram-se em 1986. Numa carta da coordenadora do MACC na época, Clélia Berenice Corrêa Pimentel, ao então Secretário Municipal da Cultura, Esportes e Turismo, Antônio Augusto Arantes, datada de 10 de junho de 1986, ela envia um orçamento aproximado para a realização do 13º SACC, previsto para outubro daquele ano. Contudo, a exposição somente foi aberta em 23 de abril de 1988.

²⁶ Carta de Dimas Garcia a Marco do Valle encontrada nos arquivos do Museu de Arte Contemporânea “José Pancetti”, pasta do 12º Salão de Arte Contemporânea de Campinas.

Outros salões de arte da época

Deve-se destacar a realização de outros salões na cidade neste período, como o Salão de Artes Plásticas Cidade de Campinas, promovido pela Academia Campineira de Letras e Artes (ACLA), sobre o qual encontrei apenas a referência de sua 2ª edição nos arquivos do CCLA, em artigo do Correio Popular de 20 de setembro de 1986.²⁷ Nele anuncia-se que foi aberta a mostra na galeria de arte do Centro de Convivência Cultural (CCC), homenageando o artista plástico campineiro Aldo Cardarelli, pintor acadêmico de paisagem, membro da ACLA e que fazia parte da comissão organizadora da exposição. Foram apresentados 78 artistas, cada um com uma média de três obras inscritas, totalizando quase 200 obras, o salão não teve caráter competitivo e distribuiu para os artistas um diploma de participação.

Com um total de quatro edições, todas realizadas no CCC, o Salão Acadêmico de Belas Artes foi realizado pela primeira vez em 20 de maio de 1984. De acordo com o artigo do Diário do Povo de 30 de maio de 1984, aquele ano “ficou marcado pela volta dos salões de arte à cidade: o Salão de Belas Artes, destinado à chamada arte figurativa ou acadêmica, [o] que não acontecia desde o início da década de 60, e o Salão de Arte Contemporânea, interrompido em 1977, a ser realizado em novembro (...) no museu de arte contemporânea ‘José Pancetti’”,²⁸ ressaltando que o 12º SACC foi realizado apenas em novembro do ano seguinte, como já foi explicitado anteriormente. O formato tradicional de salão que havia sido abandonado ainda na década de 60 (a partir do V SACC, de 1969) é retomado nesta mostra, com um júri composto pelos artistas plásticos Manoel Martho, Alfredo Rocco e Antonio Pacheco que ficou responsável por distribuir prêmios aquisitivos, medalhas e menções honrosas, e a inscrição das obras nas categorias tradicionais de desenho e pintura. Dentre as 198 obras selecionadas, destacam-se “Sybilla” (1975) do pintor Alindo Catellani Carli, de São Paulo, que recebeu o prêmio honorífico com a medalha de ouro, e “Natureza” de Salvador Santistebam, também de São Paulo, vencedor do maior prêmio aquisitivo, denominado “Prefeitura Municipal de Campinas”, no valor de cinco salários mínimos (aproximadamente Cr\$490 mil). Os outros prêmios aquisitivos tinham valor de 300, 200 e 100 mil cruzeiros, totalizando Cr\$2,2 milhões em prêmios.

Em matéria do Correio Popular de 22 de maio de 1984 há um trecho a respeito da insatisfação de alguns artistas, que protestaram durante a inauguração do salão contra a seleção dos trabalhos dos membros das comissões organizadora e julgadora: “Aldo Cardarelli, presidente do salão, que também expõe várias de suas obras, disse que os organizadores apenas gozam do direito de expor seus trabalhos. ‘Os que estão reclamando são amadores, a

²⁷ Salão “Cidade de Campinas”: Homenagem a Aldo Cardarelli, **Correio Popular**, Campinas, 20 set. 1986.

²⁸ Aberto o 1º Salão de Belas Artes com 198 trabalhos, **Correio Popular**, Campinas, 22 mai. 1984.

comissão é gente de peso. Eles é que não se enxergam. O salão é coisa muito séria', afirmou o artista plástico".²⁹

Já na sua 2ª edição, inaugurada em de maio de 1985, foram expostas 258 obras, selecionadas pelo júri composto pelos pintores Salvador Santisteban (premiado na edição anterior), Alberto Tomazzi e o escultor Fausto Mazzola, este responsável pela categoria de escultura, que não esteve presente no 1º Salão. Quarenta e duas obras receberam prêmios, entre prêmios-aquisição, medalhas e menções honrosas. Integrante da comissão organizadora, a artista plástica Ana Maria Bento diz a respeito do salão em entrevista publicada no Diário do Povo, em 14 de junho de 1985: "depois que o Aldo Cardarelli fechou o curso livre de desenho e pintura que ministrava na Puccamp, isto em 1981, um grupo de ex-alunas formado por mim, Norma Vieira e Adelina Rios, resolveu começar a lutar por um Salão, pois achávamos um absurdo uma cidade como Campinas, considerada um pólo irradiador de cultura, não possuir um, enquanto outras cidades bem menores tinham o seu".³⁰ No mesmo artigo, ela ressalta os esforços do vereador municipal, na época, Romeu Santini e o apoio financeiro decisivo das empresas da cidade. Cabe ressaltar que apenas nesse ano de 1985 o Salão foi oficializado pela Prefeitura Municipal, fazendo parte do calendário cultural da cidade até sua 4ª edição, em 1987.

O salão seguinte, realizado em 17 de maio de 1986, também contou com um grande número de obras expostas, um total de 274 trabalhos, nas mesmas categorias da edição anterior,³¹ produzidos por 199 artistas escolhidos pela comissão de seleção e premiação, composta pelos artistas Salvador Rodrigues Júnior, José Rios Pinto e Eduardo Ostergren, todos de São Paulo. O prêmio "Prefeitura Municipal de Campinas" ficou com o pintor José Ferraz Pompeu e a obra "Paisagem". Ainda nesta edição, há reclamações por parte da comissão organizadora a respeito das dificuldades para se realizar o salão "começando pela verba de cinco salários mínimos [pouco mais que Cz\$4 mil] oferecidos pela Prefeitura, que é irrisória. Depois, a falta de comunicação com pessoas de alto gabarito dentre da Prefeitura. No caso, o Secretário de Cultura. Ainda, o descrédito junto às empresas privadas para obter patrocínio, principalmente por ser organizado na última hora. O prazo foi pequeno para tudo, inclusive para a entrega das obras".³²

O artista Aldo Cardarelli é, na 3ª edição do Salão Acadêmico, presidente da comissão organizadora, assim como também é responsável pela organização do 2º Salão de Artes Plásticas Cidade de Campinas (realizado em setembro de

²⁹ Idem.

³⁰ Com saldo positivo, Salão de Belas Artes chega hoje ao fim, **Diário do Povo**, Campinas, 14 jun. 1985.

³¹ Em algumas das fontes de pesquisa constava também a inscrição em gravura, porém não foi encontrada nenhuma referência de obra premiada nessa categoria.

³² Hoje, a inauguração do 3º Salão de Belas Artes: Abertura e entrega dos prêmios, **Correio Popular**, Campinas, 17 mai. 1986.

1986), mencionado anteriormente, mas vem a falecer em agosto daquele ano, o que foi considerado, por alguns artistas, como um fator prejudicial para arte acadêmica local, que perderia forças sem seu maior expoente.

No ano seguinte, o Salão é circundado por discussões sobre a validade da arte acadêmica na contemporaneidade. De um lado, artistas provocam a arte moderna e contemporânea, como o pintor José Ferraz Pompeu “todos tentam o acadêmico, e quando não conseguem partem para o abstrato. Por isso a grande maioria dos modernos é pára-quedista e nem sempre tem noções básicas de pintura”.³³ De outro, o depoimento do pintor e professor do Departamento de Arte Plásticas da Unicamp, membro do júri do 4º Salão, Álvaro de Bautista tentando apaziguar a discussão: “no mundo das artes há espaço para todos, Há artistas acadêmicos ruins, como artistas modernos ruins. A arte deve evoluir sempre, mas cada um deve fazer aquilo que mais o realiza. Quando o artista é bom, independente de sua escola, ele é bom e sempre vai produzir a emoção esperada ao expor sua obra. O público se emociona”.³⁴

No entremeio da 12ª e 13ª edições do SACC, em 1987, realiza-se também a I Bienal Internacional de Gravura (**anexo 10**), organizada pelos artistas Dimas Garcia e Paulo de Tarso Cheida Sans e promovida pela PUCCAMP. A mostra, exibida de 6 a 28 de fevereiro no MACC, de 1 a 6 de junho no Shopping Iguatemi de Campinas e de 11 a 22 de agosto na Galeria Térreo da Fundação Cultural do Distrito Federal, em Brasília, teve como comissão de seleção e premiação Alberto Beuttenmüller, que já havia participado como membro do júri de seleção de premiação do Salão anterior, o crítico de arte Marcos Rizolli, Raul Porto, membro do grupo Vanguarda, o crítico de arte e cineasta Olívio Tavares de Araújo e o historiador e crítico de arte José Roberto Teixeira Leite. Foram representados 40 países do mundo inteiro, em 77 artistas participantes com 230 obras expostas, sendo que 12 deles receberam prêmios. Dentre eles estava a brasileira Lucy Lopes Salles, de São Paulo.

A Bienal Internacional de Gravura fazia homenagem póstuma ao artista iugoslavo, radicado no Brasil, Hans Sulimann Rudzinski (1921 - 1986), além de quatro salas especiais para Brasil, Portugal (organização por “ÁRVORE cooperativa de atividades artísticas”), Argentina (Marta Guerra Alem como responsável pelas indicações) e Alemanha (Hélio Cyrino como responsável pelos convites). Dentre os convidados para a sala brasileira estavam figuras importantes da gravura nacional, tais como Fayga Ostrower, Marcelo Grassmann, Maria Bonomi, Renina Katz e Marco Buti.

De acordo com Paulo Cheida, “a cidade de Campinas, no ano de 84 pra 88, efervesceu”, havia um processo de crescimento cultural, ao qual ele atribui a

³³ Acadêmicos questionam Salão de Belas Artes: Sob olhares críticos dos contemporâneos, **Correio Popular**, Campinas, 25 set. 1988.

³⁴ Considerações sobre o Salão Acadêmico, **Correio Popular**, 13 nov. 1988. Artes e Variedades.

Prefeitura e a Secretaria de Cultura da época (administrados, respectivamente, por José Roberto Magalhães Teixeira e Antônio Augusto Arantes Neto). Para o artista, a I Bienal Internacional de Gravura foi o evento que deu evidência ao MACC e à cidade de Campinas, destacando-se na mídia, e possibilitando a realização do 13º SACC, “a Bienal Internacional de Gravura ajudou o MACC a ter renome nacional e internacional (...). O MACC ficou em evidência em 87”.³⁵

O artista, que se envolvera na organização do 12º SACC, criticando, naquela ocasião, a falta de incentivos financeiros por parte da Prefeitura, afirma agora que havia uma tentativa, principalmente por parte da comunidade artística local, de reerguer o cenário das artes na cidade. Em sua opinião, a Prefeitura, mesmo que não massivamente, voltara a dar suporte para que isso acontecesse, embora sob a ressalva da necessidade incondicional de investimentos de empresas privadas.

Sobre o 13º Salão de Arte Contemporânea de Campinas

Inserida num cenário artístico local um pouco mais movimentado do que o da organização do 12º SACC, a 13ª edição do Salão de Arte Contemporânea foi realizada de 23 de abril a 25 de junho de 1988, no MACC, e organiza-se sob moldes diferentes dos adotados em sua edição anterior. A mostra, que levava o tema “Simbologias e Alternâncias: Momentos ocupacionais da expressão plástica”, também prestava uma homenagem ao artista plástico Hélio Oiticica, “considerado um dos pioneiros da nossa contemporaneidade”,³⁶ apresentando dois trabalhos da série dos Metaesquemas, “Piercing 3” e “Lá e Cá 10”.

“Queremos ressaltar, porém, que a homenagem a Hélio Oiticica não é póstuma. Oiticica é dos artistas que mais vivo permanece quanto mais o tempo passa. (...) Hélio Oiticica e Lygia Clark são, sem dúvida, os dois artistas que, sem muita teorização, mas pacientemente, criaram e instauraram o pós-modernismo entre nós. Cremos que assim o artista-símbolo do 13º Salão do MACC está em perfeita sintonia com as novas preocupações desse museu e da Secretaria de Cultura de Campinas de colocar a cidade e seu povo diante das novas e surpreendentes conquistas da arte brasileira”.³⁷

O salão, sob curadoria geral de Clélia Berenice Corrêa Pimentel, que coordenava o MACC naquele momento, subdividia-se em cinco setores de curadorias próprias, Linguagens contemporâneas (Alberto Beuttenmüller), Reprografia (Marcos Rizolli), Vídeo Arte (Paulo de Tarso Cheida Sans), Holografia e Raio laser (José Joaquin Lunazzi, professor do Instituto de Física da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, e pesquisador na área de tecnologia em holografia e raio laser) e Meios eletrônicos (Júlio Plaza, artista

³⁵ Depoimento de Paulo de Tarso Cheida Sans concedido à pesquisadora, Campinas, 26 abr. 2010.

³⁶ **13º Salão de Arte Contemporânea de Campinas**. Campinas, 1988. Catálogo de exposição.

³⁷ BEUTENMÜLLER, Alberto. **13º Salão de Arte Contemporânea de Campinas**. Campinas, 1988. Catálogo de exposição.

plástico e curador de grandes mostras, como a sala especial de Arte Postal da 16ª Bienal Internacional de São Paulo, de 1981, e de Arte e videotexto na 17ª edição, em 1983).

Esse formato de curadorias próprias, inédito na história dos SACCs, talvez em decorrência das Bienais Internacionais de São Paulo organizadas por Walter Zanini (em 1981 e 1983), num momento de retomada do prestígio e importância do evento após um momento de crise dessa instituição (muito devido ao boicote internacional dos artistas à Bienal de 1969), e, em seguida, na Bienal organizada por Sheila Leirner, em 85 (Bienal da “grande tela”). A atuação marcante de Zanini frente à organização dessas Bienais e ao MAC-USP (entre 1963 e 1978) transforma a figura do curador num fator determinante na montagem e concepção de uma exposição.

Não haveria, no 13º SACC, premiação tradicional, de forma que, de acordo com o “Título IV: Dos prêmios e da seleção”, no regulamento do Salão publicado no Diário Oficial de 27 de novembro de 1987,³⁸ ao longo da amostragem do Salão, os curadores poderiam distinguir algumas obras a serem adquiridas pelo acervo do MACC, definindo, junto ao artista, o valor a ser atribuído ao trabalho,³⁹ colocando o Salão novamente como uma alternativa de captação de obras para compor o acervo do museu, quando havia dificuldade no direcionamento de verbas para a compra de novos trabalhos.

O Salão de 1988 baseou-se no sistema de inscrição de projetos, no qual cada curador selecionava os trabalhos a integrarem seu setor. Para Clélia Berenice Pimentel, “ao optarmos pela reformulação da linha condutora convencional (na maioria das vezes adotada quando da realização dos Salões de Arte), pensamos, primeiramente, em criar um espaço para que a nossa sociedade tivesse a oportunidade de identificar as transformações que a evolução dessa era espacial vem emprestando às manifestações artísticas e, num segundo momento, fortalecer a realização, imprimindo-lhes maior credibilidade em termos de valor, descoberta, ascensão e assentamento dos artistas (...)”.⁴⁰

A respeito da realização de um Salão de conteúdo e formato mais inovadores do que o anterior (1985), o curador do setor de Vídeo Arte, Paulo de Tarso Cheida Sans, em depoimento à autora, diz “[o 13º SACC] estava em igualdade, com [a mesma] força que os Salões de Campinas da década de 70”, e continua, “foi o evento (...) que reuniu, na época, o que existia de mais atual”.⁴¹

³⁸ CAMPINAS. Decreto nº 9367, de 26 de novembro de 1987. Oficializa e aprova o regulamento do XIII Salão de Arte Contemporânea de Campinas. **Diário Oficial de Campinas**, Poder Executivo, Campinas, SP, n.4369, 27 nov. 1987.

³⁹ Muito embora não haja registro no inventário do acervo do MACC de nenhuma aquisição entre finais de 1987 e 1991.

⁴⁰ PIMENTEL, Clélia Berenice Corrêa. **13º Salão de Arte Contemporânea de Campinas**. Campinas, 1988. Catálogo de exposição.

⁴¹ Depoimento de Paulo de Tarso Cheida Sans concedido à pesquisadora, Campinas, 26 abr. 2010.

Paralelo à exposição, a curadoria do segmento de Reprografia promoveu um evento no qual em todas as tardes de quinta-feira, enquanto durasse o Salão, realizar-se-iam oficinas de Arte-Xerox abertas ao público, que, para os organizadores, poderia “manifestar e descobrir os efeitos e recursos da máquina [Xerox]”.⁴²

Durante a abertura do Salão, no dia 23 de abril de 1988, às 20h, foi apresentada a primeira parte do projeto MAC/MAC, do qual participaram os artistas Artur Matuck, Paulo Laurentiz, Milton Sogabe e Rejane Augusto. O trabalho consistia na transmissão bidirecional em tempo real de imagens de trabalhos apresentados no MACC em Campinas, para o MAC-USP em São Paulo, através do sistema de Slow Scan Television (SSTV), que transcodificava imagens em sinais de rádio através de um sistema de Scanner e as recompunha num televisor. Um projeto de alta tecnologia, numa época na qual ainda não havia redes de comunicação como a Internet. A segunda etapa desse trabalho foi apresentada ao público no dia 30 de abril, às 16h.

Dentre as obras escolhidas para serem transmitidas para São Paulo estavam “Imagem Cigana”, de Milton Sogabe, uma leitura eletrônica das obras expostas no 13º Salão, por Paulo Laurentiz, e uma narrativa de ficção científica, uma experimentação no planeta Megga, “Megan Psi-Om”, de Artur Matuck.

Um projeto semelhante, coordenado por Artur Matuck com colaboração de Paulo Laurentiz, já havia sido apresentado no mesmo ano, intercambiando imagens via Slow Scan entre São Paulo (Instituto de Pesquisas em Arte e Tecnologia - IPAT) e Pittsburgh (Digital Art Exchange da Universidade de Carnegie Mellon), nos Estados Unidos, onde o evento foi coordenado por Bruce Breland.

O artista Paulo Laurentiz, após esse contato com o salão campineiro, é convidado a ser professor no Departamento de Mídias do Instituto de Artes da Unicamp,⁴³ por onde passara também o artista multimídia Waldemar Cordeiro, no início de 70, e onde leciona de 1988 a 1991, quando falece por complicações decorrentes do vírus HIV, que adquire através de uma transfusão sanguínea.

A respeito do 13º SACC, o curador Marcos Rizolli publica no Correio Popular o texto “Significados e pretensões”. Utilizando-se de uma linguagem e forma de escrita típicas dos manifestos vanguardistas do Modernismo, falando diretamente com o leitor, defendendo as principais questões abordadas pelo Salão, como as novas tecnologias contribuindo para a linguagem artística, ele diz: “Algo vai se modificar, não tenha dúvida./ Novos códigos de leitura visual serão incorporados ao cotidiano presente./ Tecla de computador/ Tecla de sintonização/ Tecla de acionamento./ Luz de projeção/ Linguagens contemporâneas, todas”.

⁴² MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA “JOSÉ PANCETTI” (Campinas, SP). Apresentação, Folder da exposição 13º Salão de Arte Contemporânea de Campinas - “Simbologias e Alternâncias Momentos ocupacionais da expressão plástica”, Campinas, 1988.

⁴³ Depoimento de Hermes Renato Hildebrand concedido à pesquisadora, Campinas, 28 mai. 2010.

E continua, “o MACC é e tem de tomar para si, a função de agente cultural, informador das realizações contemporâneas em arte (...). Perceba: não foi à toa que Campinas, no início do século XX, soube receber e entender - melhor, inclusive, que São Paulo - a polêmica exposição de Lasar Segall. (...) Campinas se faz pelo arrojo das pesquisas, dos elementos de ponta. Da busca de uma arte que vai além da expressão. A ação é a contemporaneidade. Os modernos que fiquem nas paredes dos museus. A função é histórica e o tempo não pára. A arte, simplesmente, acompanha e provoca”.⁴⁴

Não era objetivo da equipe organizadora do evento apresentar as novas tendências artísticas no intuito de propor a substituição dos meios mais tradicionais. Apesar do 13º SACC se dedicar às novas mídias e à arte tecnologia, havia o setor de curadoria de Alberto Beuttenmüller, voltado às linguagens contemporâneas em técnicas tradicionais (instalação, pintura, escultura, desenho, gravura, etc.). De acordo com o curador “optei por realizar uma visão de artistas descendentes da antiga celeuma entre Concretos e Neo-Concretos (...). Com esta finalidade, procurei mesclar artistas já consagrados em seu experimentalismo com novos experimentadores da linguagem visual contemporânea”.⁴⁵ Para ele, a idéia não era a de realizar uma retrospectiva e nem buscar os “descendentes diretos” dessas correntes. Nesse segmento participaram artistas como Regina Silveira, que iniciara sua produção no cenário artístico da década de 1960, com seus trabalhos de serigrafia, e, na época do Salão, desenvolvia pesquisas plásticas na distorção da projeção de sombras de objetos não representados na obra, perspectivas inventadas e trabalhadas (**anexo 11**); Anna Bella Geiger, que a princípio tinha uma produção voltada para o abstracionismo informal e, mais tarde, mais ligada à nova figuração, consolidou-se como artista intermídia e grande experimentadora, mas sempre vinculada à gravura (**anexo 12**) e Tunga, jovem artista que iniciara sua produção artística no final de 1970, e começara, nos anos 80, a se destacar em meio ao cenário artístico dos anos 80, participando das Bienais Internacionais de São Paulo em 1981 e 1987 (**anexo 13**). Foram também convidados Cildo Meirelles, Regina Vater e Waltércio Caldas, figuras importantes da arte brasileira de finais de 60 e dos anos 70, mas que não puderam participar.

O setor de Reprografia, sob curadoria de Marcos Rizolli, tratava da reprodutibilidade da imagem e da obra de arte, através da produção de imagens instantâneas pelos meios do xérox, offset e heliografia. A respeito de cada uma desses meios, o curador, em seu texto de apresentação, destaca Paulo Brusky como o artista que introduz o caminho da arte xérox na década de

⁴⁴ RIZOLLI, Marcos. Significados e pretensões, **Correio Popular**, Campinas, 27 abr. 1988. Galeria.

⁴⁵ BEUTENMÜLLER, Alberto. **13º Salão de Arte Contemporânea de Campinas**. Campinas, 1988. Catálogo de exposição.

1970, principalmente pelas vias da arte postal. Para ele, Paulo Brusky “não aceita, em sua arte, apenas o fator de reprodução. Experimentador, atinge as distorções, superposições e outros tantos efeitos que a máquina de Xerox pode lhe oferecer”.⁴⁶ Participaram deste setor da mostra, além de Paulo Brusky (**anexo 14**), Alex Flemming, que tem aulas de gravura com Regina Silveira entre os anos de 79 e 80, e que, na obra enviada ao Salão, mistura em seus trabalhos fotografia e gravura (serigrafia e metal) (**anexo 15**) e Leon Ferrari, importante artista argentino muito vinculado à experimentação, que na década de 1960 inicia suas esculturas em metal, e já em 70 começa a se interessar por novos meios (**anexo 16**), entre outros artistas.

A vídeo arte surge no experimentalismo dos anos 1960, associada até tempos atrás ao conceito “desmaterialização da obra de arte”, mas que busca extrapolar o objeto artístico. Em relação a ela, Paulo Cheida destaca o avanço tecnológico atrelado à expansão do uso da TV na arte e o recurso do vídeo tape como meio de produção artística. Fizeram parte deste segmento vários nomes hoje consolidados na arte por meios eletrônicos, como Guto Lacaz (**anexo 17**), artista irreverente e experimentador, um nome emergente daquele período, que apresenta para a mostra uma compilação de trabalhos num vídeo de 10 minutos, incluindo demonstrações de objetos cinéticos/ sonoros e algumas vídeo-performance. Artur Matuck apresenta a obra já citada anteriormente, “Psi-Om” (**anexo 18**), que seria utilizada no Projeto MAC-MAC, ele também é convidado a participar do setor de meios eletrônicos.

Como um dos setores de maior destaque entre o público, o segmento de Holografia e Raio Laser traz quatro artistas: Moysés Baunstein, de São Paulo (**anexo 19**), o curador desse setor, José Joaquin Lunazzi (**anexo 20**), e que, juntamente com Rachel Regina de Matos Gobo, une em seu trabalho holografia e escultura (**anexo 21**), além de Silvia Basílio de Matos já com suas obras feitas de fibras ópticas (**anexo 22**). Em artigo publicado no Correio Popular de 4 de junho de 1988, é divulgada uma palestra ministrada por Lunazzi, no Salão Vermelho da Prefeitura, a acontecer na tarde daquele dia, para apresentar os fundamentos da holografia e comentar os trabalhos desse setor.⁴⁷

Na curadoria de Meios eletrônicos, Júlio Plaza fala em seu texto “A questão da contemporaneidade”, no catálogo da exposição, sobre “as imagens de ‘terceira geração’, notadamente de base eletrônica e holográfica, que provocam uma influência de difícil avaliação sobre as formas culturais tradicionais”,⁴⁸ em seqüência às imagens tradicionais (pintura, desenho, gravura, etc.) e

⁴⁶ RIZOLLI, Marcos. **13º Salão de Arte Contemporânea de Campinas**. Campinas, 1988. Catálogo de exposição.

⁴⁷ Holografia, a tecnologia óptica em forma de arte, **Correio Popular**, Campinas, 4 jun. 1988.

⁴⁸ PLAZA, Júlio. A questão da contemporaneidade, **13º Salão de Arte Contemporânea de Campinas**. Campinas, 1988. Catálogo de exposição.

às imagens fotoquímicas (fotografia e cinema). E continua: “estas imagens possuem caracteres tecnológicos que renovam a criação audiovisual, reformulam a nossa visão de mundo, criam novas formas de imaginários e também de discursos icônicos. Estamos no universo pós-fotográfico”, sem que nessa contemporaneidade se renunciasse necessariamente ao passado.⁴⁹

Dessa forma, o curador convida artistas que trabalhavam com as novas tecnologias da comunicação, em propostas de videografia interativa, arte e telemática, arte por computador e instalação multimídia. Participam desse setor artistas como os integrantes do Projeto MAC-MACC, dentre eles Paulo Laurentiz (**anexo 23**), além de dois grandes poetas concretistas em apresentações de videotextos, Augusto de Campos e Paulo Leminski (**anexos 24 e 25, respectivamente**), a artista Carmela Gross (**anexo 26**), consagrada pelas suas pinturas, mas que já em finais dos anos 60 mostrava interesse nas novas mídias, e o próprio Júlio Plaza, uma referência desse segmento artístico (**anexo 27**). Todos os 25 artistas deste setor residiam na cidade de São Paulo.

O Salão teve grande visitação, especialmente do público jovem e também de grupos escolares, e até uma semana antes do encerramento da exposição o MACC já havia recebido cerca de cinco mil pessoas em seu espaço. “Podemos dizer que o salão está sendo muito bem apreciado. Normalmente, o museu recebe em torno de dez pessoas por dia. Agora, no entanto, a frequência tem sido de mais de 200 pessoas por fim de semana. Inclusive, (...) com esse afluxo maior de público, passamos a abrir as portas também no domingo, fechando apenas na segunda-feira” diz Clélia, em depoimento ao Correio Popular de 18 de maio de 1988.⁵⁰

Logo após o encerramento da mostra, foi lançado o catálogo da exposição (**anexo 28**), que teve uma tiragem de dois mil exemplares a serem enviados a instituições artísticas (museus e galerias), bibliotecas e artistas, contendo 104 páginas com os textos dos curadores a respeito de suas respectivas áreas, além de fotografias de cada um dos trabalhos apresentados no Salão. A capa do catálogo, uma imagem digitalizada produzida a partir de uma pintura pré-histórica na gruta de Altamira, na Espanha, intitulada “Grande Bisonte” (**anexo 29**), foi utilizada também nos meios de divulgação da exposição (cartaz, convite e folder de apresentação). Como diz Clélia Pimentel na apresentação do catálogo da exposição, “vale a pena a lembrança de que, em todos os tempos, a técnica tem representado o papel de modificadora do ambiente. As sociedades do neolítico, da idade do bronze, do ferro e a industrialização, nos mostram com clareza a evolução humana”.⁵¹

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ Cinco mil pessoas já visitaram o 13º Salão, **Correio Popular**, Campinas, 18 mai. 1988.

⁵¹ PIMENTEL, Clélia Berenice Corrêa. **13º Salão de Arte Contemporânea de Campinas**. Campinas, 1988. Catálogo de exposição.

Vale dizer que a década de 1980 para o circuito artístico da cidade de Campinas foi marcada pela consolidação e influência do Departamento de Artes Plásticas e Comunicação da PUCCAMP, onde muitos artistas de importância local lecionavam (como Bernardo Caro, Paulo de Tarso Cheida Sans e Aldo Cardarelli), que já há algum tempo era um dos focos de formação de artistas na cidade. Enquanto que o Instituto de Artes da Unicamp, cujo Departamento de Mídias, criado em 1985, a partir do 13º SACC, contrata artistas importantes na área da multimídia, como Gilberto Prado, na década de 1990, Paulo Laurentiz (de 1988 a 1991) e Júlio Plaza (de 1992 a 1997), chamando a atenção à presença do membro do grupo Ruptura de São Paulo, Waldemar Cordeiro, que, de 1972 a 1973 (ano de sua morte), atua como professor do Instituto de Artes e coordenador do Centro de Processamento de Imagens da Unicamp, quando estava envolvido em sua pesquisa sobre a, intitulada por ele, arteônica (arte por computadores). Diferentemente do Departamento de Artes Plásticas (1983), que por influência de seu fundador, Bernardo Caro, membro do grupo Vanguarda, recebe muitos artistas, ligados à PUCCAMP, com professores, firmando-se no cenário artístico local por meio de seus próprios protagonistas.

E, muito embora aparentasse ser um bom momento para o cenário artístico campineiro, com a realização de outros Salões através dos esforços da comunidade artística local, que buscaram constantemente apoio financeiro em incentivos privados, quando a Prefeitura Municipal, que mesmo desempenhando seu papel na assistência aos eventos, mostra-se pouco colaborativa, sempre em meio a ininterruptas cobranças das comissões organizadoras.

A instituição dos salões, como um todo, não se sustentou por mais tempo, deixando Campinas perder gradativamente seu maior salão, que havia chegado ao reconhecimento nacional em seu auge, na década de 1970, quando se caracterizava como um certame alternativo ao circuito das grandes mostras, como as Bienais Internacionais de São Paulo, recebendo grande número de inscrições de artistas do país inteiro. E, apesar do 13º Salão de Arte Contemporânea de Campinas ter sido um evento de grande porte e realizado sob moldes inovadores e tão característicos da época em que foi realizado, mostrando-se atualizado e preocupado com sua estrutura, bem como o Salão fora em seu auge, na década de 1970, este foi o último a ser realizado até recentemente, quando foi lançado o 14º Salão, em 2007.

ANEXOS

Anexo 1 - Capa do catálogo do 12º Salão de Arte Contemporânea de Campinas, por Berenice Toledo.



Anexo 2 – Fotografia da abertura do 12º SACC publicada no Diário do Povo do dia 12 de novembro de 1985.



Classe descontruída. Era assim que estava o 12º Salão de Arte Contemporânea aberto sábado. A promoção é da Secretaria Municipal de Cultura. Página 16.

Anexo 3 - Relação de artistas, obras e prêmios do 12º SACC.¹**Prêmio Prefeitura Municipal de Campinas**

Marco do Valle (Campinas) Casa do Baile O.N./ 42 (Escultura, 22 X 95 cm) Figura fundo Brazil O.N./ 60 (Escultura, 40 X 1000 cm)	Cr\$ 9 milhões
Maina Costales (São Paulo) Totem (Esmalte s/ papel, 230 X 140 cm)	Cr\$ 2,5 milhões
Fani Bracher (Minas Gerais) Entre flores de urânio é permitido sonhar I (Óleo s/ tela, 60 X 81 cm)	Cr\$ 2 milhões
Ana Botelho (Campinas) Ornella na janela (Esmalte sintético s/ eucatex, 140 X 80 cm)	Cr\$ 1,5 milhão
Bill Martinez (São Paulo) Cemitério (Acrílico s/ tela, 80 X 80 cm)	Cr\$ 1 milhão
Mario Arreguy (Minas Gerais) Os retratos possíveis II (Grafite s/ papel, 69 X 49 cm)	Cr\$ 800 mil
Wiliam Seewald (Rio Grande do Sul) Pano - A nº2 (Pigmentos s/ tecido e ferro, 78 X 78 cm)	Cr\$ 800 mil
Lucy Salles Lopes (São Paulo) Da série: Iconicidade decrescente I (Gravura - água tinta, ponta seca, 100 X 50 cm)	Cr\$ 800 mil
Nelson J. Cury (São Paulo) Pentimento - O julgamento (Gravura em metal - água tinta, ponta seca, 70 X 100 cm)	Cr\$ 800 mil
Elisa Mello (São Paulo) Um banho na cachoeira (Óleo s/ tela, 46 X 83 cm) A vida na fazenda (Óleo s/ tela, 46 X 73 cm)	Cr\$ 500 mil
Cesar Romero (Bahia) Tamborettes de festas de largo da Bahia II (Fotografia, 25 X 20 cm)	Cr\$ 300 mil

Prêmio Companhia Paulista de Força e Luz - CPFL

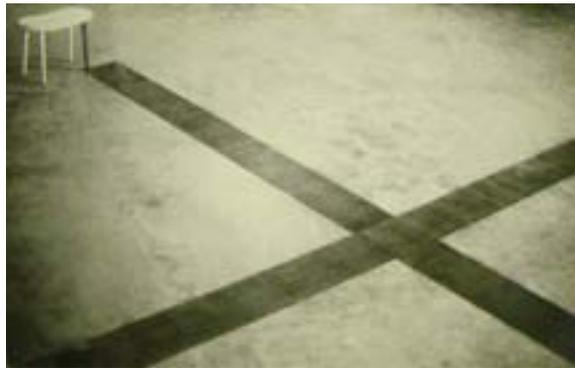
Hélio Ademir Siqueira (Minas Gerais) Diálogo II (o artista e o modelo) (Óleo s/ tela, 125 X 135 cm)	Cr\$ 3 milhões
Zica Bérgami (São Paulo) O Amanhecer no baile (desenho - nanquim, 69 X 93 cm)	Cr\$ 1,1 milhão
Ana Cristina Andrade (São Paulo) A Capela (Gravura, água tinta, ponta seca e maneira negra, 20 X 30 cm)	Cr\$ 550 mil
Sylvia Soares Cunha (Campinas) Sem Título (aquarela, 40 X 70 cm)	Cr\$ 300 mil

Prêmio Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

João Magalhães (Rio de Janeiro) Sem Título (Acrílico s/ tela, 200 X 130 cm)	Cr\$ 5 milhões
---	----------------

¹ Hoje a abertura do 12º Salão de Arte Contemporânea: Entrega de prêmios num total de Cr\$30 milhões, música e coquetel, *Correio Popular*, 9 nov. 1985. Arte e variedades, p.10.

Anexo 4 - Obra de Marco do Valle, "Figura fundo Brazil O.N./60", escultura, 40 cm x 1000 cm. Recebeu o prêmio aquisição de Cr\$9 milhões (Prêmio Prefeitura Municipal de Campinas) no 12º SACC em 1985. Fotografia encontrada no arquivo do MACC, na pasta do 12ª SACC.



Anexo 5 - Montagem das obras de Marco do Valle no 12º SACC. Imagem retirada de: Hoje a abertura do 12º Salão de Arte Contemporânea: Entrega de prêmios num total de Cr\$30 milhões, música e coquetel, *Correio Popular*, 9 nov. 1985. Arte e variedades, p.10.



Anexo 6 - Obra de João Magalhães, "Sem Título", acrílico sobre tela, 200 cm x 130 cm. Recebeu o Prêmio Universidade Estadual de Campinas no 12º SACC em 1985 e foi adquirida pela Galeria de Arte da Unicamp. Fotografia realizada na Galeria de Arte da Unicamp em janeiro de 2010.



Anexo 7 - Obra de Ana Botelho, "Ornella na janela", esmalte sintético s/ eucatex, 140 X 80 cm. Recebeu o Prêmio Prefeitura Municipal de Campinas no 12º SACC em 1985 e foi adquirida pelo MACC. Fotografia realizada no MACC em maio de 2010.



Anexo 8 - Fotografia tirada no espaço expositivo do MACC, com destaque às obras de José Luiz Piassa. Retirada do Correio Popular de 9 de novembro de 1985.



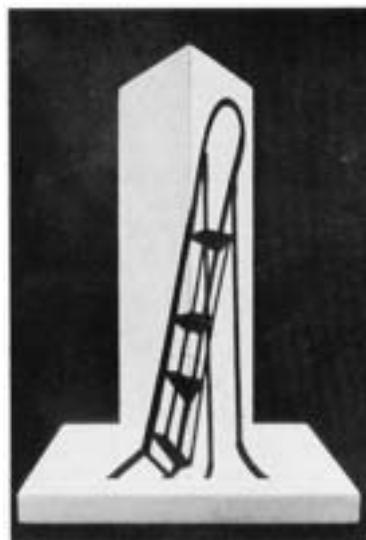
Anexo 9 - Carta anônima atribuída ao "manifesto [contra] Marco do Valle", encontrada no arquivo do MACC, na pasta do 12º SACC.



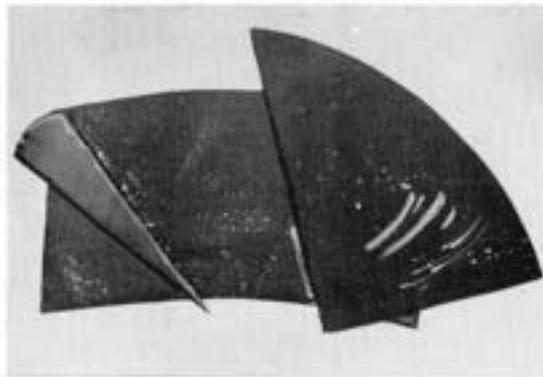
Anexo 10 - Capa do catálogo da I Bienal Internacional de Gravura, realizada em 1987.



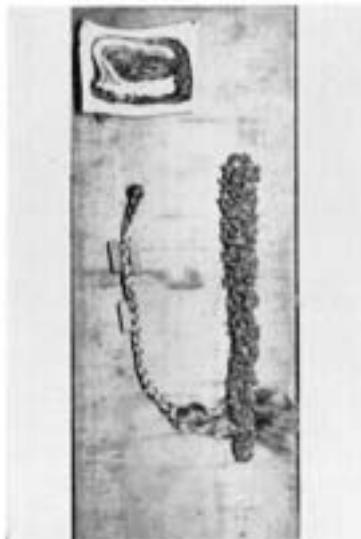
Anexo 11 - Obra de Regina Silveira, "Vértice", pintura s/ madeira. Participou do 13º SACC, em 1988, no setor de "Linguagens Contemporâneas". Imagem em preto e branco retirada do catálogo.



Anexo 12 - Obra de Anna Bella Geiger, "Noturno II", acrílico e encáustica s/ tela e cetim. Participou do 13º SACC, em 1988, no setor de "Linguagens Contemporâneas". Imagem em preto e branco retirada do catálogo.



Anexo 13 - Obra de Tunga, "Ímã- cobre- ferros- latão- seda- massa encefálica", escultura. Participou do 13º SACC, em 1988, no setor de "Linguagens Contemporâneas". Imagem em preto e branco retirada do catálogo.



Anexo 14 - Obra de Paulo Brusky, "Sem título", xérox colorido. Participou do 13º SACC, em 1988, no setor de "Reprografia". Imagem em preto e branco retirada do catálogo.



Anexo 15 - Obra de Alex Flemming, "Sem título", gravura em metal com base fotográfica. Participou do 13º SACC, em 1988, no setor de "Reprografia". Imagem em preto e branco retirada do catálogo.



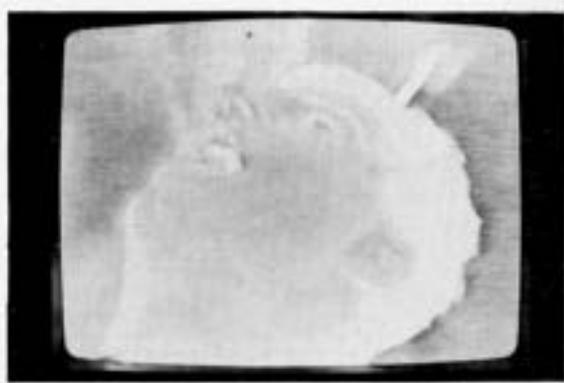
Anexo 16 - Obra de Leon Ferrari, "Santa Ceia", heliografia. Participou do 13º SACC, em 1988, no setor de "Reprografia". Imagem em preto e branco retirada do catálogo.



Anexo 17 - Obra de Guto Lacaz, "VÍdeo performances", 10 minutos, Produção Conecta Vídeos. Participou do 13º SACC, em 1988, no setor de "VÍdeo Arte". Imagem em preto e branco retirada do catálogo.



Anexo 18 - Obra de Artur Matuck, "Psi-Om", 18 minutos, Vídeo Ficção, Produção Vivi Cardim. Participou do 13º SACC, em 1988, no setor de "Vídeo Arte". Imagem em preto e branco retirada do catálogo.



Anexo 19 - Obra de Moysés Baunstein, "Metamorfose", holograma. Participou do 13º SACC, em 1988, no setor de "Holografia e Raio Laser". Imagem em preto e branco retirada do catálogo.



Anexo 20 - Obra de José Joaquin Lunazzi, "Espaço II - Arte Espectral Fotográfica", escultura em água + holograma + fotografia. Participou do 13º SACC, em 1988, no setor de "Holografia e Raio Laser". Imagem em preto e branco retirada do catálogo.



Anexo 21 - Obra de Rachel Regina de Matos Gobo e José Joaquin Lunazzi, "Visão e cegueira", escultura e holografia. Participou do 13º SACC, em 1988, no setor de "Holografia e Raio Laser". Imagem em preto e branco retirada do catálogo.



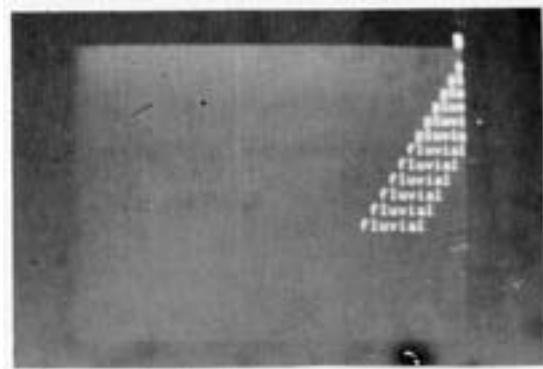
Anexo 22 - Obra de Sílvia Matos, "Narciso", ferro, fibra ótica e espelho. Participou do 13º SACC, em 1988, no setor de "Holografia e Raio Laser". Imagem em preto e branco retirada do catálogo.



Anexo 23 - Obra de Paulo Laurentiz, "A Sagrada Ação da prima Vera", Referência - Trabalho Slow Scan telecomunicação. Participou do 13º SACC, em 1988, no setor de "Meios Eletrônicos". Imagem em preto e branco retirada do catálogo.



Anexo 24 - Obra de Augusto de Campos, videotexto. Participou do 13º SACC, em 1988, no setor de "Meios Eletrônicos". Imagem em preto e branco retirada do catálogo.



Anexo 25 - Obra de Paulo Leminski, videotexto. Participou do 13º SACC, em 1988, no setor de "Meios Eletrônicos". Imagem em preto e branco retirada do catálogo.



Anexo 26 - Obra de Carmela Gross, videotexto. Participou do 13º SACC, em 1988, no setor de "Meios Eletrônicos".
Imagem em preto e branco retirada do catálogo.



Anexo 27 - Obra de Júlio Plaza, "Adora a roda", videotexto. Participou do 13º SACC, em 1988, no setor de "Meios Eletrônicos".
Imagem em preto e branco retirada do catálogo.



Anexo 28 - Capa do catálogo do 13º Salão de Arte Contemporânea de Campinas, por Paulo de Tarso e Heloisa Moretzsohn.



Anexo 29 - "Grande Bisonte", pintura pré-histórica, gruta de Altamira (Espanha). Parte interna do catálogo do 13º Salão de Arte Contemporânea de Campinas.

